



Copyright © 2020 por Nelson Motta

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

revisão: Hermínia Totti, Melissa Lopes e Tereza da Rocha

projeto gráfico, capa e diagramação: Luiz Stein Design (LSD) com Victor Hugo Cecatto

fotos de miolo: Victor Hugo Cecatto (1), Thereza Eugênia (199); J.C. Volotão (294); Fernanda Gueiros (302); Cristina Granato (317); Estevam Avellar/TV Globo (376); Christine Nazareth (402); Mariana Turbiani (480); todas as outras: acervo pessoal de Nelson Motta

adaptação para e-book: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M875d

Motta, Nelson, 1944

De cu pra lua [recurso eletrônico] / Nelson Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Estação Brasil, 2020.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5733-003-6 (recurso eletrônico)

1. Motta, Nelson, 1944-. 2. Compositores - Brasil - Biografia. 3. Autobiografia.
4. Livros eletrônicos. I. Título.

20-66190

CDD: 780.92

CDU: 929:78.071.1

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo

22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@sextante.com.br

www.sextante.com.br

Para meu pai e sua regra de ouro:
“Quem recebeu mais tem que dar mais.”

Para Drica, minha maior sorte.

OS MISTÉRIOS DA SORTE

Em 1974, numa viagem a Salvador, Gilberto Gil e sua mulher, Sandra “Drão”, me levaram ao terreiro de Mãe Menininha do Gantois, em uma noite de festa para Oxum. Fiquei maravilhado com a atmosfera espiritual, os cantos e batuques, o cheiro das ervas, com a figura majestosa e sorridente de Mãe Menininha, uma rainha sentada num grande trono de palha. E sobretudo com as filhas de santo que dançavam no centro do terreiro e incorporavam entidades, cada qual com danças e movimentos próprios. Senti medo quando se aproximaram. E se um santo incorporasse em mim?

Então imaginei um conto em que o personagem está numa dor de corno monumental e vai a um terreiro em busca de alívio. Lá, sem querer, é possuído por uma entidade. O que aconteceria? Como ele se sentiria? Fiquei muito interessado pelo tema e comecei a pesquisar sobre a natureza do transe, incluindo muitas leituras e conversas com mães e filhas de santo que recebiam entidades, mas nenhuma delas se lembrava de nada depois do transe.

Ninguém sabe nem ciência alguma explica o transe místico e a possessão por entidades em terreiros de candomblé, ao ritmo hipnótico de cantos e batuques, ou pelo Espírito Santo em igrejas batistas do Harlem, ao som do órgão e do coro gospel. É o mesmo mistério.

O estudo do transe me levou ao da sorte, que para alguns se apresenta em forma de proteção e intervenção divinas, e para outros é puro mistério. O que faz alguém estar no lugar certo na hora certa? Ou longe do lugar errado? Como entender “coincidências” e “acazos” improváveis e implausíveis? Por que alguns têm sorte e outros não? Que sorte tem o espermatozoide que chega primeiro?

Ser atingido por um raio só pode ser explicado pela falta de sorte. Mas ser atingido duas vezes por um raio, como aconteceu a um lavrador brasileiro, e não morrer é o máximo da sorte. Ou ser como Joãozinho Trinta, recém-chegado ao Rio de Janeiro vindo de São Luís, sem comer há dois dias, que achou uma nota de 100 cruzeiros no Jardim da Glória. Ou alguém perder o voo que caiu. Ou ser assaltado e não sofrer nada.

Coisas ruins acontecem a todos, mas nem sempre são falta de sorte: significam oportunidades para a verdadeira sorte se manifestar no desfecho, geralmente associada a talento, esforço, determinação, competência, dedicação e capacidade de aceitar e aprender com fracassos e derrotas e saber que ninguém faz nada sozinho. Assim como a vida, a natureza e o cosmos, a sorte não é justa, não beneficia só quem merece.

Mas a sorte pode ser enganadora e traiçoeira. Às vezes, um acontecimento que parece ser sorte depois se revela ser o inverso, aquela palavra de quatro letras que não se fala. Pessoas que são a boa sorte para uns podem ser a má sorte de outros. A sorte pode ter consequências nefastas; já provocou a morte e desgraçou a vida de alguns sortudos que ganharam grandes prêmios na loteria.

A primeira inspiração para este livro foram os mistérios da sorte manifestada ao longo da trajetória de um personagem que conheço bem, mas do qual precisei me distanciar para ficar mais à vontade para contar suas aventuras e desventuras e explorar a presença da sorte em sua vida.

N.M.

Nota do autor: Alguns personagens retratados neste livro tiveram os nomes

alterados para terem sua privacidade protegida.

SUMÁRIO

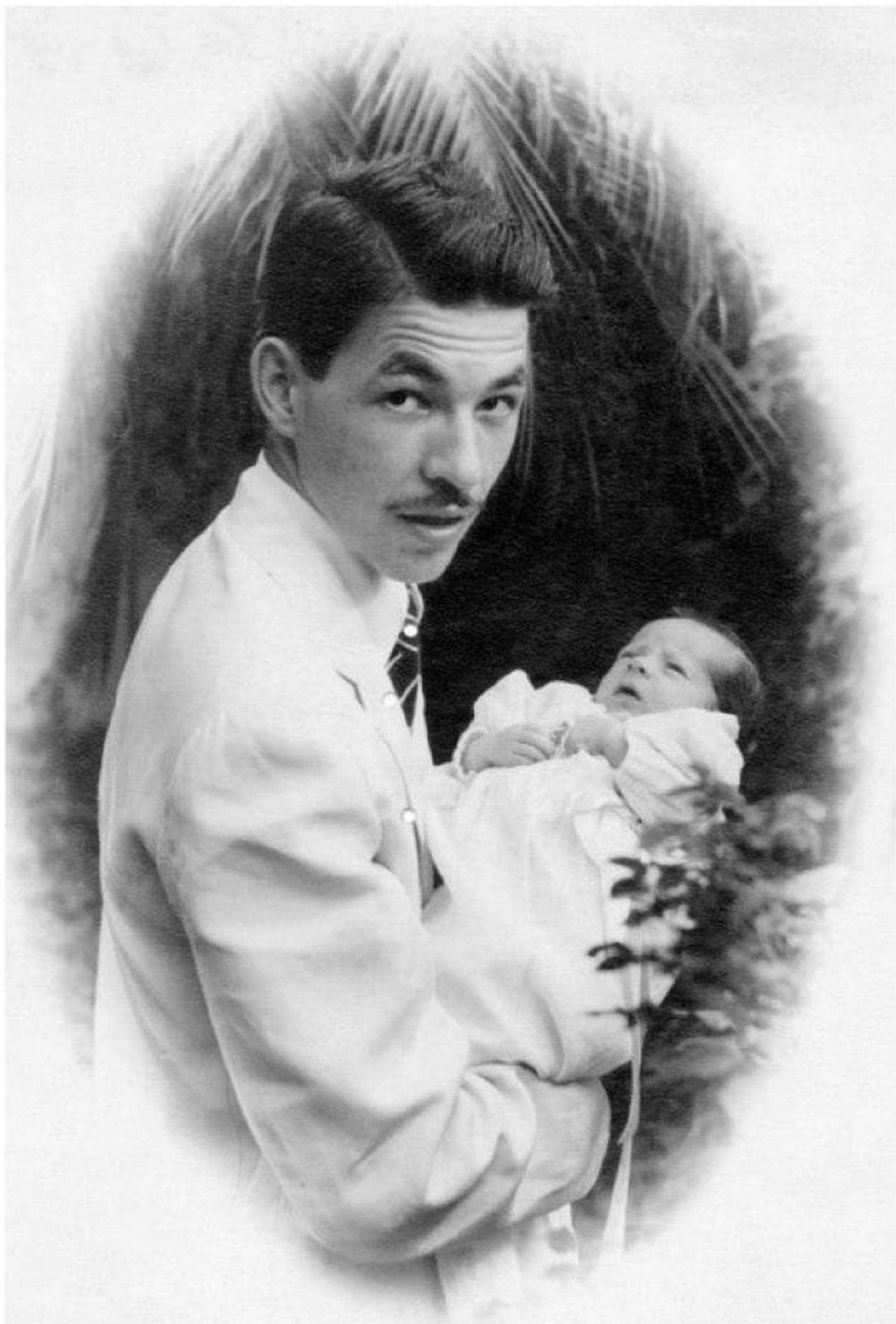
- 1944 São Paulo
- 1943 A pequena leoa
- 1946 Amores e onças
- 1950 Sorte grande
- 1950 Os Brito Franco
- 1957 O pequeno turfista
- 1953 Prisão feliz
- 1954 Chapa-branca
- 1957 Society juvenil
- 1958 Nas garras dos jesuítas
- 1960 Grand Monde
- 1960 Turma da rua
- 1960 O upgrade
- 1960 Epifania musical
- 1958 Vida esportiva
- 1958 Primeiras Coca-Colas
- 1959 A primeira vez
- 1959 O mundo musical
- 1960 Sob o céu de Brasília
- 1959 A volta aos jesuítas
- 1960 A vida real
- 1965 Paixão de verão
- 1963 A viagem do século
- 1964 A descoberta da forma
- 1965 Verão em Portugal

- 1966 Romance em Paris
- 1966 Vida acadêmica
- 1967 Tarde de núpcias
- 1965 Vida dupla
- 1965 Gravando!
- 1965 Bigamia
- 1966 Primeiros dinheiros
- 1966 Lugar e hora certos
- 1966 O "jacaré"
- 1967 Descoberta da América
- 1967 Grande chance
- 1966 Risco de vida
- 1967 Um segundo lar
- 1967 O charme do raposão
- 1967 A pequena grande Globo
- 1968 O francês
- 1970 Caçando talentos
- 1970 Bodas e bodes
- 1970 Vida de casado
- 1970 O avô maravilha
- 1969 O velho e a baixinha
- 1971 A diva escrachada
- 1972 O reverso da sorte
- 1973 A professora aloprada
- 1973 A volta ao jornal
- 1975 O rei da noite
- 1976 Dores do fracasso
- 1975 Melodrama lusitano
- 1979 Voo solo

- 1980** A Night to Remember
- 1980** Noites paulistanas
- 1981** Adeus, Baixinho
- 1981** Lacan na folia
- 1982** No divã
- 1982** Nilópolis-Manhattan
- 1982** Adorável doidivana
- 1983** Na lama
- 1983** Anos romanos
- 1984** Uma noite com Chet Baker
- 1985** O craque e a estrela
- 1986** Praia à italiana
- 1987** Estrela supernova
- 1989** Midas de araque
- 1988** Cores e dores
- 1988** Assalto cordial
- 1989** Driblando a morte
- 1990** Roubadas
- 1991** Lugar certo, hora errada
- 1991** Uma miragem opaca
- 1991** África-Nova York
- 1992** Os anos americanos
- 1992** Bloqueio defensivo
- 1992** Primeira grana
- 1992** Sonho e pesadelo
- 1992** O chinês que caiu do céu
- 1992** Partners in crime
- 1993** Bem-vindo ao mundo digital
- 1994** Music and business

1994 Latin lover
1994 Rapsódia americana
1995 Jeca set
1996 Sexo no colo
1996 La bella donna
1998 Bye bye New York
1995 Moralismo de araque
2000 Scholar de samba
2000 Volta ao lar
1996 Primeiros e últimos
1996 Fullgás
2002 Sob o sol de Ipanema
2003 O primeiro processo
2004 É a artéria, estúpido!
2000 Coração boleiro
2002 No mundo da fantasia
2004 A musa armada
2006 Ao som do mar
2006 Doutor em axé
2007 Som, fúria e gargalhadas
2007 O banco de respostas
2008 Folhas ao vento
2018 O novo velhismo
2006 On the road
2011 O dragão e a bananeira
2014 Contando histórias
2011 Um gênio da alegria
2012 Ator de documentário
2012 Páginas da vida

2013 A sereia cantou
2013 O gato comeu
2014 Tim na tela
2014 Elis revisitada
2014 Por um fio
2014 Em nome do pai
2014 Anjos e demônios
2014 O inverno do patriarca
2014 Xixa forever
2014 Pepe in the Sky with Diamonds
2018 O melhor e o pior
2015 World Fado
2015 Match Point em Lisboa
2014 Viva Marília!
2016 A redenção de um zumbi
2016 A volta do primeiro mestre
2016 Tecnologia do desapego
2016 A Big Loura
2017 A saga
2017 A morena e o Moreno
2017 Anitta e seu borogodó
2018 Home studio
2018 No castelo do rei
2019 Música e sentimento
2019 O au revoir do mestre
2019 Dias de dança
2017 A morena tatuada
2015 Flashback
2017 A volta da morena tatuada



Nos braços do pai, Nelsinho recém-nascido de cu pra lua.

44

SÃO PAULO

“O Nelsinho nasceu com o cu pra lua”, dizia sempre o tio Vito, maior cabeça e talento da família. Catedrático de História da Arte na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, o professor Flávio Motta era adorado pelos alunos por seus conhecimentos de arte, sua verve e seu humor, além das eventuais doideiras. Numa ocasião, se empolgou no fim da aula, disse que tinha já transmitido aos alunos tudo o que sabia e, exaltado, esvaziou os bolsos na mesa, tirou o terno, a camisa, a gravata e ficou só de cuecão. Foi ovacionado pelos alunos. E, pouco depois, aposentado.

Pintor de imenso talento e muito culto, Flávio Motta, o tio Vito, também teve que enfrentar uma internação psiquiátrica depois de jogar fora seu dinheiro e todos os documentos e sumir no meio de uma plantação no interior de São Paulo. Nelsinho achou até poético e libertário, mas sua avó dizia que era maluquice mesmo e explicava que o organismo dele secretava alguma substância alucinógena que o deixava viajandão.

Nelsinho o adorava. Tinha 10 anos quando o tio Vito construiu para ele e a irmã mais nova, Cecília, uma casinha no alto de uma grande árvore na fazenda em Teresópolis onde passavam as férias. As crianças praticamente se mudaram para a cabana. A brincadeira acabou quando Nelsinho deixou cair lá de cima uma garrafa de Coca-Cola perto da cabeça de Cecília, que escapou

por pouco e por sorte.

A avó Elza Lichtenfels, Dadá para os netos, era de origem austríaca, uma matrona alourada e de olhos azuis, carinhosa e liberal, ingênua e desorganizada, que tinha uma maneira peculiar de zelar pelo conforto dos filhos. Acordava antes a fim de desligar o despertador deles, “para descansarem mais um pouco”, e os fazia chegar atrasados ao serviço militar e pegar cana. Quando pequenos, às vezes ela não os deixava ir à escola porque “estava frio demais”. Nelsinho a via como um gatão amoroso. Dadá se apaixonou perdidamente pelo primeiro neto, nascido num domingo de 1944, “dia de Cristo Rei”, como sempre o lembrava.

Dadá era rica. Ou melhor, tinha sido. Fora educada em Lausanne, na Suíça, e preparada para ser uma grande dama. A vida inteira falou *chauffeur* e *taxi* com pronúncia francesa. O pai dela era austríaco de Viena e veio para o Brasil fugindo do serviço militar e da Primeira Guerra. Louro, de olhos azuis, o engenheiro Bernardo Lichtenfels construiu uma usina hidrelétrica em Sorocaba, que foi desapropriada na Segunda Guerra como se alemã fosse, e ficou pobre. Era o que se contava na família. Apesar de terem convivido só dois anos, Nelsinho se lembraria para sempre de cada nota e cada verso da canção de ninar que o bisavô lhe cantava em alemão.

Dadá era casada com Dodô, como os netos chamavam o advogado, escritor e político Cândido Motta Filho, conhecido nos meios acadêmicos, jurídicos e políticos como Mottinha. Dodô era de classe média, um moreno baixinho, muito culto e inteligente, de uma tradicional família de juristas e intelectuais. Dadá foi pedida em casamento por Dodô durante uma partida de pingue-pongue em Sorocaba. Na noite de núpcias, quando ele buscou a legítima conjunção carnal, a noiva, espavorida, tentou fugir pela janela; não tinha ideia do que era sexo, ninguém lhe avisara nada a respeito. Tiveram cinco filhos em oito anos.

Apaixonado por Elza, como Dodô dizia na pronúncia alemã, seu estilo era oposto ao dela: um avô tímido – tanto que escreveu o livro *Ensaio sobre a timidez* (1969) – e pouco afeito a beijos e abraços, mas amoroso no miolo.

Quando Nelsinho estava tentando completar o álbum de figurinhas que vinham nas balas Futebol, compradas uma a uma na quitanda, Dodô lhe deu de presente de aniversário de 10 anos uma caixa inteirinha dessas balas. Eram umas cem, a própria caverna de Ali Babá. Nelsinho quase completou o álbum, mas teve uma baita dor de barriga – chupou todas as balas, que eram açúcar puro e só serviam mesmo para enrolar figurinha.

O doce Dodô era o oposto do avô materno, o impetuoso e bravo Dolor de Brito Franco. Isso mesmo, um homem chamado Dolor. A mãe dele se mudou recém-casada e grávida para Portugal, e lá morreu-lhe o marido, um português rico. Desgostosa e inconsolável, castigou o menino com o doloroso nome, que, nesse caso, não determinou seu destino. Como que para contrariá-lo, Dolor se tornou um advogado e político farrista e mulherengo, inteligente e culto, bom de papo e de copo, e ganhou o mais apropriado apelido de Lôlo, sua vingança contra o nome. Teve uma filha fora do casamento e fez questão de levá-la ao altar, para desespero de sua mulher, a beata vó Laura.

Lôlo era divertido mas esquentado. Os netos morriam de medo de sua fúria. Embora fumasse como uma chaminé, acender um cigarro na frente dele era esporro certo e tapa na mão. O avô Mottinha contava que o conheceu esbofeteando um sujeito numa livraria de São Paulo.

Baixinho e folgado, Dolor fez política no interior de Minas entre tocaias e tiroteios. Em São Paulo, travou amizade com Oswald de Andrade, com quem fundou a revista *O Pirralho*. Foi deputado federal por Minas Gerais, adorava fofocas políticas e saudava os netos adolescentes com um “Como vai esse devasso?”, só que o devasso era ele. Os netos adoravam suas histórias do tempo dos cassinos.

Dolor e Laura tiveram três filhos – Raul, Carlos e Dolorzinho – e cinco filhas – a severa e sonhadora Dalka, a doce Laurinha, que repetia o nome da irmã que havia morrido aos 4 anos, e as belas Déa e Cecília, conhecida por todos como Xixa, a mãe de Nelsinho.



A jovem leoa Xixa, advogada formada, encontrando o amor.

43

A PEQUENA LEOA

Xixa também nasceu com o cu pra lua.

Com seu narizinho arrebitado, lábios bem desenhados, olhos escuros e agudos, era bem baixinha e toda gostosinha, além de muito inteligente e ambiciosa. Falava com sotaque carregado do interior mineiro, de amorrr, de carrne, de morrrte, mas não parecia caipira. Misturava sua natural doçura à fé católica da mãe e ao temperamento explosivo do pai. Aos 16 anos, entrou para a Faculdade de Direito de São Paulo e, com a irmã Déa, esteve entre as primeiras mulheres a se formarem no Largo de São Francisco.

Embora as duas provocassem frisson entre os colegas de faculdade, nenhum deles despertou maior interesse delas, que preferiram se concentrar nos estudos e se diplomaram entre as melhores da classe.

Doutora de anel no dedo, sempre bem-vestida com as roupas costuradas pela mãe, primorosamente penteada e maquiada, a bela Xixa estava cansada de ser pobre. Queria subir na vida, então foi procurar trabalho. Ouviu dizer que havia vaga na seção paulista do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, dirigido pelo doutor Cândido Motta Filho, que tinha como assessor seu filho Nelson, estudante de Direito. Com olhos puxados de japonês, bigode grosso, cabelos emplastrados de brilhantina e simpatia irradiante, o jovem sentiu um calor no corpo e o coração acelerado quando

viu Xixa. E teve absoluta certeza: “Vou me casar com essa mulher.”

Além de advogada, Xixa era prendada – tocava piano, sabia costurar e cozinhar. Queria um marido de preferência bonito e rico, e chegou até a ter breves namoricos com dois pretendentes com esse perfil. No início, não se empolgou muito com a corte apaixonada de Nelson. Mas acabou completamente seduzida pela inteligência, o charme e a paixão avassaladora dele, e se casou com o pé-rapado que na época trabalhava como repórter e cronista mal pago do *Correio Paulistano* e ainda levaria dois anos para se formar advogado. Mas Xixa sentiu grande potencial naquele homem, o pai de Nelsinho.

Xixa o admirava muito e o amava porque ele a amava de maneira desvairada, tratando-a como uma rainha e fazendo todas as suas vontades. Ou quase. Durante toda a vida, quando o filho Nelsinho tinha uma namorada que aparentava estar apaixonada por ele, Xixa comentava no almoço da família, sem se importar com a presença do eternamente apaixonado Nelson: “Amar é muito bom, meu filho, mas ser amado é muito melhor.” Então ria dengosa e mandava um beijinho para o marido.

Leonina orgulhosa e mandona, era de uma doçura extrema com os filhos e sobretudo com os netos, desde que fizessem o que ela queria. Gostava de usar a metáfora dos bichos que adoram quando lhes alisam o pelo no sentido em que nascem. Se for no contrapelo...

Tinha opinião sobre tudo, lia os jornais de cabo a rabo e livros de vários gêneros. Expressava-se não só por metáforas, mas também por máximas e provérbios. Um de seus preferidos era “Quem meu filho beija, minha boca adoça”, que usava quando Nelsinho ou as irmãs recebiam um elogio. Ou então advertia sobre o exibicionismo, comentando que “Macaco que muito mexe quer chumbo”. E nos momentos de fúria em uma briga com um filho, lançava sua terrível maldição, a verdadeira “praga de mãe”: “Filho és, pai serás; assim como me fazes, assim te farão.”

Tão elevada era sua autoestima que parecia não ter superego e considerava como grande termômetro da qualidade das pessoas simplesmente

o fato de gostarem dela. “A Sheila é ótima. Ela me adora”, falava com naturalidade.

Sempre se gabou para filhos e netos de que, quando criança no colégio interno, em Taubaté, era tão boa aluna que não lhe bastava a nota dez. Várias vezes lhe davam nota onze ou doze, excelência máxima na escala de valores das freiras. Xixa se considerava uma mulher nota doze.

Foi por essa mulher que Nelson se apaixonou perdidamente e dedicou a vida a amá-la, servi-la e protegê-la. Por ela abandonou a carreira de jornalista que tanto apreciava e que o levou a chefe de redação aos 23 anos a fim de se formar advogado e ganhar dinheiro para dar conforto e alegria a Xixa e aos filhos. Ele mesmo pouco ligava para isso. Exagerava que poderia viver como um franciscano e dizia que o que lhe importava mesmo eram a família e a advocacia. Tinha grande fé em sua inteligência e seus sentimentos generosos.

Embora preparadíssima pelos excelentes estudos e pela assertividade e a determinação leonina que teriam feito dela uma ótima advogada, Xixa teve que renunciar à carreira porque Nelson não admitia que trabalhasse e via isso como uma humilhação. O macho era o chefe da família e o provedor. Ponto final. Além disso, ele não se aguentaria de ciúme com ela trabalhando fora.

Aquariano visionário, romântico e idealista, tão trabalhador que o tio Vito sempre o chamava de “burro de carga”, Nelson fazia a faculdade de manhã e trabalhava até tarde da noite no jornal, era um dos principais repórteres de Assis Chateaubriand no *Diário de São Paulo*. Só melhorou um pouco de vida quando entrou para *O Cruzeiro*, a maior revista da época, assinando reportagens com o fotógrafo francês Jean Manzon, e passou a ganhar o suficiente para se casar e manter um sobradinho com uma salinha na parte de baixo e dois quatinhos em cima, no bairro de Perdizes, a poucas quadras do casarão na rua Bartira onde morava a família Motta.

Chamada por eles de Bartirão, era uma bela casa cor-de-rosa de dois andares, muros altos e um pequeno jardim, com uma palmeira na frente e um vasto quintal gramado nos fundos. No térreo havia uma ampla sala de jantar e uma grande biblioteca e sala de estar com janelas para o jardim. No andar de

cima ficavam os quartos do casal e dos seus cinco filhos. A vida era confortável e alegre no Bartirão.

No início do namoro, quando mais queria impressionar Xixa, Nelson era vítima frequente do histrionismo de seu irmão Vito, o erudito, que aos 25 anos já dava aula de história da arte e fascinava Xixa com sua cultura e seu humor. Vito podia aparecer “por acaso” num encontro deles na Confeitaria Vienense, na rua Barão de Itapetininga, vestindo o mesmo terno que Nelson havia usado no encontro anterior e sugerindo que a vestimenta era dele. E, claro, aceitar um lanche grátis. Ou surgir de repente na Confeitaria Fasano, todo molambento e com luvas de lã puídas, a fim de constranger Nelson. Xixa adorava. E Vito se tornou seu palhaço favorito.

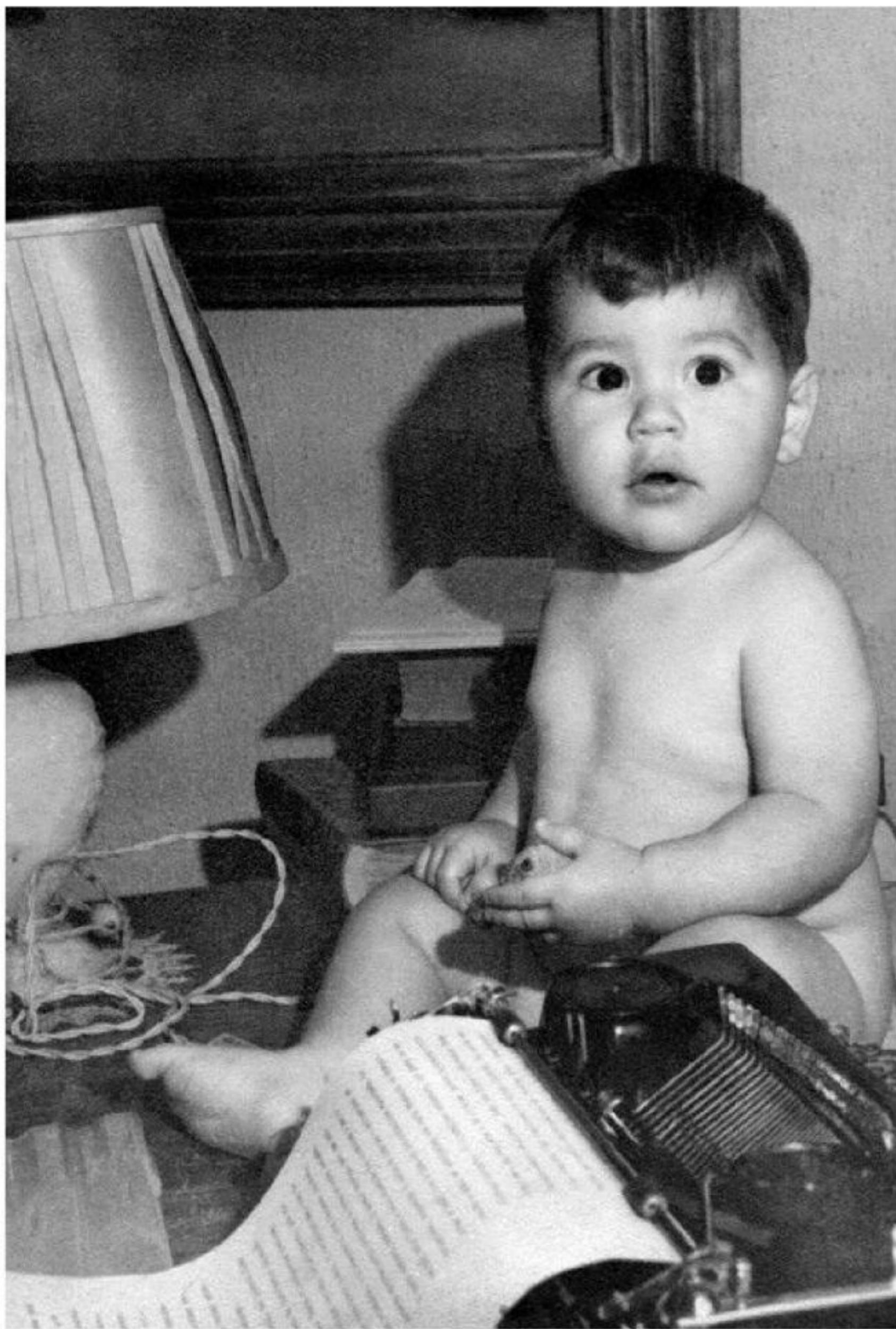
A família se encantou com a beleza, a inteligência e a educação de Xixa. Todos a paparicavam, desde o futuro sogro, Mottinha, que via com bons olhos seu amor pela leitura e lhe dava livros, até os irmãos de Nelson: Paulo, o mais bonito e mais novo; Candão, o mais viril e brigão; Vito, o mais culto e engraçado; e Leza, batizada de Maria Tereza, criatura adorável, superprotegida pelos pais e irmãos. Nelson era o mais velho, mais sério e mais generoso, e foi o primeiro a se casar. Mas todos os irmãos se casariam com Xixa sem pestanejar.

Casaram-se em janeiro de 1944. A lua de mel seria na cidade de Poços de Caldas, em Minas Gerais, no famoso Palace Hotel, com seus jardins e cassino, presenteada por um fazendeiro rico amigo dos Brito Franco. Nelson estava tão preocupado em não perder o trem para Poços de Caldas depois da tão esperada noite de núpcias que deu uma gorjeta generosa logo ao entrar no hotel após a festa, para que o acordassem na hora. Só de manhã descobriu que o hotel em que passaram a noite ficava em frente à estação ferroviária.

Ele estava tão apaixonado que decidiu fazer abstinência sexual absoluta durante um ano antes do casamento. Xixa era virgem, mas estava pegando fogo. E Nelson, enlouquecido de desejo com os beijos e intimidades do noivado, deu seu jeito de se guardar para ela até a noite de núpcias.

Em Poços de Caldas, a atividade amorosa foi intensa, e exatos nove meses

depois nasceu Nelsinho.



Primeiro nude de Nelsinho com a máquina de escrever em que o pai ganhava a vida.

46

AMORES E ONÇAS

Aos 2 anos, Nelsinho sentiu pela primeira vez o que parecia ser amor. Na sua festa de aniversário, passou o tempo todo grudado na prima Cida, um ano mais velha, e até emprestava seu novo velocípede tico-tico para ela. Só para ela. Achava Cida linda, com seus cabelos cacheados e seu bocão. Passaram a tarde indo e vindo de velocípede por um corredor ao lado da casa que levava ao quintal, que não era mais do que um quadradinho de terra e uma estreita passagem entre a casinha e o muro, mas que, do ponto de vista de Nelsinho, eram espaços imensos.

Além da descoberta da atração amorosa, o aniversário ficou marcado pelo presente de que ele mais gostou: uma onça forrada de tecido emborrachado amarelo com pintas pretas que chamou de Genoveva. Ela o acompanhou durante toda a infância e também marcou o início de um amor, que duraria a vida inteira, por esses felinos.

Genoveva teve várias reencarnações, com diferentes tipos de recheio ou de tecido de cobertura, e a última, com 4 anos de vida, foi com uma pele de jaguatirica que Nelson e Xixa trouxeram de uma viagem ao Rio de Janeiro. Assim, Genoveva foi forrada com uma autêntica pele de onça, que Nelson disse ter caçado no Pão de Açúcar – provavelmente nas lojas para turistas da estação do bondinho.

Além de Genoveva, Nelsinho conheceu outra forma de amor: a babá Lurdes, uma mineira negra de pele clara, um pouco mais jovem que Xixa, e que ele, e depois todos, chamavam de Údi. Passava mais tempo com ela do que com a mãe e as avós, e a adorava. Ela fazia todas as suas vontades, era carinhosa e amorosa. Palmeirense, discutia futebol com Nelsinho, que era corintiano por influência do avô e dos tios Brito, pois os Motta não ligavam para futebol.

Com 2 anos, Nelsinho foi à formatura do pai, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, nos braços de Xixa, já advogada formada. Nelson trabalhava na revista *O Cruzeiro* para sustentar a família e ao mesmo tempo começou a advogar em um escritório de São Paulo. Uma de suas primeiras causas mudaria sua vida: a defesa de um cliente num processo movido pelo poderoso Joaquim Rolla, que fez fama e fortuna na era dos cassinos e foi dono do Cassino da Urca, do Quitandinha e de outros espalhados pelo Brasil. Com a proibição do jogo em 1946, Rolla teve que mudar de ramo, dedicando-se à hotelaria e ao turismo.

Embora tivesse perdido a ação, Rolla gostou tanto do trabalho daquele jovem advogado simpático e cordial que lhe havia ferrado que o convidou para representar suas empresas no Rio de Janeiro. A competência e a simpatia eram de Nelson, mas a sorte era de Nelsinho, ao se mudar para o Rio de Janeiro em 1950, em plenos Anos Dourados da capital da República.